

PESSOA IDOSA, SMARTPHONE E PANDEMIA: CONSTRUÇÃO DE UM MARCO TEÓRICO DE PESQUISA.

Elaine Feitosa da Silva / UFPE

Kátia Medeiros de Araújo / UFPE

RESUMO

No contexto atual, com o crescimento acelerado do número de pessoas idosas, entender como elas lidam com artefatos tecnológicos e como estes interferem em suas vidas se faz extremamente necessário para a criação de um futuro no qual elas possam ser, de fato, contempladas. Em março de 2020 o mundo se isolou em função da pandemia do Covid-19. Neste período se mostrou a urgência e a importância do entendimento da relação da pessoa idosa com a tecnologia, uma vez que os artefatos tecnológicos possibilitaram muitas comunicações durante o período pandêmico. Este artigo objetiva apresentar os caminhos percorridos para a construção do marco teórico de uma dissertação de mestrado voltada ao entendimento do valor simbólico do *smartphone* para as pessoas idosas no período do isolamento social pandêmico.

Palavras-chave: Envelhecimento; tecnologia; idoso; *smartphone*; pandemia.

1. INTRODUÇÃO

A velhice é uma das fases naturais da vida. No entanto, ela só se tornou uma preocupação para a população brasileira há muito pouco tempo, em função da rápida elevação do número de pessoas idosas nos últimos anos, que se mostra constante. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2019) e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2021) estimam que o percentual de pessoas idosas brasileiras será de 25,49% em 2060 e de 40,30% até 2100, respectivamente, mostrando uma progressão de crescimento que não pode ser ignorada.

Em função disso, o envelhecimento tem se tornado preocupação de estudiosos de várias áreas, que buscam formas de entender esta etapa do ciclo vital analisando-o e procurando soluções para problemas de saúde que surgem em função do envelhecimento do corpo e, nos últimos tempos, procurando entender como a pessoa idosa pode viver da melhor forma, levando-se também em consideração os aspectos socioculturais. Estes últimos, que formam o conjunto dos estudos mais recentes, somados aqueles com foco na saúde física do corpo do idoso, contribuem para que se possa aprofundar essa compreensão de maneira sistêmica, ou seja, integrando saúde do corpo, mente, sociabilidade, cultura, etc. Segundo Guiomar (2010, p.2), “as principais abordagens teóricas indicam que o bem-estar individual e coletivo dos indivíduos está relacionado diretamente com o contexto social global e complexo em que os mesmos estão inseridos”.

Em 2020, o mundo entrou em um período de extrema restrição social com consequência da COVID-19. O distanciamento social e, no limite, o isolamento, afetaram toda a população mundial e, os idosos, assim como outras parcelas da população, sofreram muito com este processo. Felizmente, devido às tecnologias de comunicação e as formas de socialização que os espaços virtuais potencialmente proporcionam, não houve um

completo isolamento das pessoas ao redor do mundo. Durante o período mais severo do distanciamento social, intensificou-se a comunicação através das redes sociais e outras ferramentas, numa escala nunca vista na história. Foram incontáveis reuniões virtuais, aulas, eventos, confraternizações, etc. Basicamente todas as interações sociais, que antes eram vividas de forma presencial, foram adaptadas. De acordo com Clemente e Stoppa (2020), houve um aumento considerável no uso de plataformas como YouTube, Netflix, redes sociais, bem como de programas como Zoom ou Meets, que foram grandemente utilizados na realização de encontros e eventos on-line.

O público idoso, que vinha de um cenário de limitações, no que diz respeito à utilização de equipamentos eletrônicos, se viu convocado a manipulá-los, em busca de sociabilidade com família e amigos e do atendimento de necessidades de saúde e sobrevivência. No entanto, segundo Facioli et. al (2022, p. 2), “pessoas idosas que não possuem habilidades para o uso destes equipamentos tornaram-se dependentes de terceiros.” E como se deu a relação da pessoa idosa com o *smartphone* durante o período de pandemia? Essa utilização foi mediada? Por quem? Que atores sociais participam (ou se fizeram ausentes) neste auxílio? Que valor simbólico este artefato tem para estas pessoas, que superaram seus medos, depois de tê-lo utilizado durante o isolamento social?

Buscando compreender a relação das pessoas idosas com tecnologias de comunicação, mais especificamente com o *smartphone*, durante o período do isolamento social, criamos um primeiro marco teórico da pesquisa. Este trabalho objetiva mostrar a construção desta primeira formulação, que corresponde à fase inicial da dissertação de mestrado da primeira autora, orientada pela segunda autora, tendo como base a tríade Design, Ciências Sociais e Tecnologia. A nossa pesquisa busca identificar o valor simbólico do artefato digital *smartphone* para as pessoas idosas

na cidade de João Pessoa – PB durante o citado período, levando-se em consideração aspectos sociais e culturais dos públicos idosos.

Inicialmente, realizamos uma incursão bibliográfica utilizando diferentes recursos. Iniciamos como uma busca no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), priorizando-se combinações dos termos idoso, envelhecimento, velhice, tecnologias digitais, *smartphones* e design – que mostraram títulos de diversas áreas de conhecimento –, seguindo-se a consulta a alguns títulos considerados clássicos, das áreas de ciências sociais, gerontologia e psicologia. Através dessa busca foi possível perceber a multiplicidade de implicações deste período sem precedentes na vida dessas pessoas, bem como perceber as diferentes vivências da covid-19 em diferentes contextos socioculturais.

Um dos materiais utilizados para refletir sobre o assunto foi o livro *Cientistas Sociais e o Coronavírus*, organizado por Grossi e Toniol (2022), que revela o olhar das ciências sociais sobre o período crítico de pandemia do COVID-19. Trata-se de uma coletânea de cento e cinquenta textos escritos por pensadores importantes na pesquisa atual, abordando diferentes problemáticas da sociedade sob as lentes deste tempo.

Um dos textos utilizados no estudo foi “Reflexão antropológica sobre viver e conviver em família no isolamento social” (Cardoso e Bandeira Netto, 2022), escrito sob uma ótica antropológica. Denise Machado Cardoso, que trabalha com ações afirmativas com foco nos povos originários e quilombolas através da antropologia visual, acredita na interdisciplinaridade da antropologia. O segundo autor, Felipe Bandeira Netto, por sua vez, é quilombola, fotógrafo e pratica uma antropologia voltada à visibilidade pela via do cinema, vinculada à atividade de documentarista, poeta, escritor e cientista político.

Outro texto da mesma coletânea que contribuiu com a pesquisa a partir da reflexão sobre uso das tecnologias no contexto pandêmico foi o escrito por Bárbara Garcia Ribeiro S. da Silva (2022), *A preponderância*

da sociabilidade do telefone em rede na quarentena brasileira. O texto explora as formas pelas quais foram mantidas as relações sociais entre pessoas de diversas faixas etárias e não somente entre pessoas idosas durante a pandemia do Covid-19.

Um terceiro estudo abordado foi o realizado pelas autoras Aline Inêz Tilvitz e Sílvia Virginia Coutinho Areosa (2022), ambas da área de psicologia e preocupadas com a temática do envelhecimento, no artigo *Inclusão Digital de Idosos: As (TICS) e o uso do smartphone*, no qual é feita uma reflexão acerca da relação de idosos com as Tecnologias da Informação e Comunicação, além de tratar dos significados dessas tecnologias e do *smartphone* para os idosos.

Essas três publicações representam, portanto, contribuições recentes às temáticas da família, do envelhecimento e do uso da tecnologia, de fundamental importância para a instrução de uma problemática (e para a compreensão do próprio fenômeno - o uso das tecnologias digitais de comunicação por idosos) de existência ainda muito pouco explorada e conhecida.

Passamos agora a relatar as contribuições encontradas em um texto clássico que também aborda, com o requinte do trabalho etnográfico, a temática das relações sociais dos idosos com suas famílias. A antropóloga Myriam Lins de Barros (1987) analisa a convivência familiar abordando os principais conflitos que surgem neste contexto sob a ótica dos avós. Seu livro *"Autoridade e Afeto: avós, filhos e netos na família brasileira"* foi fruto da tese de doutorado em Antropologia Social defendida em 1986 pela UFRJ.

Um último estudo ao qual nos reportamos constitui também um clássico: *O declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*, publicado em 1943 por Richard Sennett (1988), sociólogo e historiador. O livro foi escolhido para a discussão das questões relacionadas ao idoso enquanto indivíduo, no seu âmbito mais privado (de ser, ou indivíduo) e sua relação com a comunidade mais próxima - para a maioria das pessoas no mundo

ocidental, a própria família. Neste tratado, o sociólogo aborda o individualismo frente às questões externas ao indivíduo, entendendo como a vivência e autorrepresentação privada se confrontam com as comunidades às quais o indivíduo pertence e, também, com o que lhe é externo (o público), atentando aos conflitos gerados nessas relações. Sennett aborda, portanto, o vínculo do ser individual com suas próprias construções e com as representações da comunidade, bem como, a forma como se comporta enquanto ser privado e/ou público, dentro dos grupos sociais.

2. REUNINDO IDEIAS

Foram mapeados, como já dito, alguns contextos (ou chaves temáticas): o contexto tecnológico, bastante central à temática da pesquisa; o contexto social, no qual abordamos as questões de *convivência X isolamento social* e suas implicações na vida em sociedade; e ainda, os contextos ambiental e cultural, que contribuíram para a reflexão sobre a pessoa idosa nos ambientes nos quais transita, para mostrar as implicações na forma de vida dessas pessoas em meio aos seus grupos sociais.

Portanto, para a execução da pesquisa, foram tomadas contribuições críticas das áreas do Design, Antropologia, Psicologia, Sociologia e Tecnologia. Fazendo uma interseção entre estes campos, foram abordados conteúdos potencialmente férteis ao entendimento do fenômeno do envelhecimento, sobre a pessoa idosa, bem como, sobre sua relação com a tecnologia e sua convivência em família, na sociedade envolvente e em seus grupos sociais. Cada autor, com sua reflexão, contribuiu em algum aspecto para o entendimento da relação da pessoa idosa com o *smartphone*, e a representação deste artefato para usuários idosos.

No texto de Cardoso e Bandeira Netto (2022), são trazidas reflexões sobre o isolamento social ao qual o mundo foi submetido em função da pandemia do COVID-19. Para a dupla, o período foi rico em subsídios à pesquisa antropológica, pois a convivência forçada, em alguns contextos, foi

ainda mais intensa do que em outros períodos. No entender dos autores, o fato teve grandes consequências, por exemplo, na forma de conviver das famílias brasileiras, revelando seu lado mais íntimo e privado, através de um descortinar das máscaras sociais utilizadas por cada ente da família.

Considerando que a rotina na maioria das residências tendeu a se repetir, resguardadas diferenças como: “valores, crenças, hábitos, referências, rituais, classe social, cor e outros” (Cardoso e Bandeira Netto, 2022, p. 220), para esses autores ainda existem aspectos significantes que vão tornar cada família um ente único, em função de cada uma delas possuir uma história e uma estrutura específica de formação, o que impactará diretamente na forma de vida do grupo.

Em função disso, afirmam a necessidade de implementação de métodos de pesquisa para se evitar cair na armadilha de julgar que se conhece certa família apenas por uma ideia convencionada, que pode se mostrar inadequada ou imprecisa em determinados contextos. A unicidade de cada família se deve, em grande parte, ao fato de que cada membro terá seu contexto individual, com seus valores próprios, que dependem de sua experiência particular de vida. Ainda que façam parte de um mesmo segmento social, esses grupos serão diferentes em sua estrutura, o que, por sua vez, será reflexo do conjunto de contextos individuais. Assim, a dupla reitera a importância de se ouvir os componentes dos grupos sociais, principalmente em períodos de exceção, como é o caso do contexto pandêmico. Por se tratar do primeiro grupo de convivência coletiva e também pela intensidade das relações intragrupo estabelecidas, o estudo das pessoas no contexto da família frequentemente possibilita a percepção do aspecto mais privado dos indivíduos, idosos ou não.

A necessidade de entender as relações das pessoas dentro de casa – suas práticas sociais, presenciais ou virtuais, hábitos, papéis de gênero, etc. – seja quanto à execução de tarefas domésticas ou nos cuidados com não familiares – ganhou visibilidade a partir das necessidades sociais

durante a pandemia. As reflexões sobre família, parentesco e cuidados borbulharam, mesmo quando não se tinha intenção de realizar pesquisa científica sobre esses temas. Entretanto, a partir do ponto em que foram compreendidos como fontes importantes para o conhecimento do aspecto social no contexto pandêmico, passaram a demandar um olhar mais apurado. Assim, as pesquisas antropológicas se empenharam em trazer um olhar ao cotidiano das famílias e das pessoas que as compõem de maneira cuidadosa, de forma a extrair informações sistemáticas, científicas e assertivas acerca das situações críticas pelas quais passavam as famílias e a sociedade. O isolamento se refletiu, portanto, também nas ações práticas das pessoas para atender às demandas dos diversos grupos familiares por apoio do estado ou apoio privado.

Neste sentido, podemos fazer uma conexão entre os estudos da antropóloga Myriam Lins de Barros com o do sociólogo Richard Sennett. O estudo de Barros (1987) objetivou analisar as famílias de camadas médias urbanas do Brasil sob o ponto de vista das avós. O grupo estudado pela autora foi composto por um recorte bem específico: pessoas idosas que detinham certo grau de instrução, eram autônomas, com boa saúde e não dependentes financeiramente de descendentes, muitas vezes sendo provedores de recursos financeiros no ambiente familiar. Em sua obra, a autora faz uma reflexão sobre a família e as novas relações que têm surgido sob o ponto de vista ativo de avós e avôs, que frequentemente desempenham papel como agentes participativos dentro dos processos de mudanças nas famílias.

A autora também trata dos conflitos que surgem em função da modernidade nas relações e as novas formas de arranjos familiares, em contraponto com o pensamento tradicional e estereotipado que é bastante constituinte da ideia de família no Brasil. Salienta que novos arranjos vêm mudando a maneira com a qual as pessoas idosas interagem dentro das famílias, uma vez que, assim como as demais categorias etárias, elas tam-

bém sofrem os impactos das mudanças que acontecem na convivência familiar. Isso faz com que pessoas idosas aprendam a lidar com os novos cenários, que fiquem cada vez mais familiarizadas com as novidades e passem a internalizá-las como naturais. Novas formas de casamento, separações cada vez mais frequentes entre casais, outros olhares sobre a gravidez, diferentes formas de parto para diferentes gerações dentro da família, a transformação de projetos conjugais para individuais, produções independentes de mães solteiras e pessoas que se separaram e voltam ao ambiente coletivo são alguns dos exemplos que autora traz de situações que podem impactar a convivência dentro do grupo familiar e, conseqüentemente, impactar também a vida da pessoa idosa.

A antropóloga aborda, entre outros assuntos, a relação de avós e avôs com seus descendentes e os conflitos provenientes de diferenças de ideias entre as gerações, bem como os aspectos financeiros do contexto familiar, que vão influenciar diretamente o convívio do grupo, principalmente se a pessoa idosa for economicamente ativa e provedora. Esta relação seria, então, um dos pontos de maior tensão, que impacta fortemente o convívio familiar.

Ampliando o olhar para o cenário da sociedade mais ampla, percebemos que as pessoas idosas efetivamente lidam com mais questões do que aquelas provenientes do convívio com a família. Neste sentido, para entender uma pessoa em seu aspecto individual, suas questões privadas e sua atuação dentro e fora da zona de conforto familiar, é necessário percebê-la não só como integrante de um grupo, mas também como pertencente a outras comunidades, atentando para as máscaras sociais que utiliza (e pelas quais também é percebida) em sua relação com o mundo externo.

Em *O Declínio no Homem Público*, Sennett (1988) trabalha como o conceito de individualismo, dando relevo ao comportamento das pessoas em contextos públicos e os conflitos que surgem do choque desse eu individual com a vida em comunidade. Problematisa a relação desta co-

munidade com o contexto social, geográfico e econômico na qual está inserida. O autor traz ainda discussões sobre os aspectos da *psique* humana e as formas que as pessoas utilizam para proteger o seu âmbito íntimo frente à comunidade e frente ao que chama de “externo”. O autor afirma que, na cultura moderna, seja na intimidade ou nas relações com espaço público, as pessoas lançam mão de um comportamento padronizado que expressa um eu emocional construído a partir das expectativas do outro (e não um modo de relações objetivas, que, em sua visão, seria esperado no contexto público). O autor ainda contribui com as discussões acerca do cotidiano e dos estudos urbanos, abordando diversos aspectos que permeiam a experiência da pessoa: a relação com a cidade, com a comunidade onde vive e com as outras pessoas, destacando o que conceituou como *tirantias da intimidade*.

Voltando às reflexões sobre a pessoa idosa frente ao que foi trazido por Sennett (1998) podemos perceber duas dimensões principais dentre os vários contextos de vida de um idoso. Como primeira, citamos o aspecto individual da vida privada. Mesmo dentro de um grupo, em meio ao qual as pessoas utilizam códigos compartilhados com o coletivo, a pessoa idosa terá seus desejos e a necessidade de expressão individual. No âmbito externo à família (da relação com as estruturas e instituições da sociedade mais ampla), tanto esses aspectos propriamente individuais quanto aqueles que são formados pela convivência em seu grupo familiar influenciarão na convivência com o exterior, com o público.

Relacionando este estudo ao período de pandemia e ao fenômeno do isolamento social vivenciado em 2020/21, foi possível observar que o estabelecimento de vínculos entre pessoas extrapolou o ambiente físico, e passou a acontecer fortemente de forma virtual. Nesse contexto, ficou também patente que a dimensão propriamente individual da subjetividade de uma pessoa idosa, bem como suas relações familiares ou com

outros grupos de convivência próxima, em princípio, afetam a forma como ela irá interagir no ambiente virtual e lidar com as tecnologias correlatas.

Assim, fica explícito que um aspecto importante a ser considerado na relação de uma pessoa com determinada tecnologia, além das suas iniciais, experiências e predisposições individuais próprias, consiste no seu contexto familiar e nas suas experiências com outros grupos sociais próximos. Do mesmo modo, a faixa etária e o dado cultural que acompanha a sua geração promovem particularidades que farão com que as pessoas lidem de forma própria com a tecnologia e com os artefatos digitais.

A pesquisa das psicólogas Aline Inêz Tilvitz e Sílvia Virginia Coutinho Areosa (2022), apresenta um diagnóstico sobre como as pessoas idosas se relacionam com o *smartphone*. Para tanto, foi realizado um estudo quantitativo com cem pesquisados com mais de sessenta anos, em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, os quais faziam parte de grupos de convivência no local. O estudo chegou a uma compreensão de como pessoas idosas interagem com tais tecnologias e quais os aplicativos mais acessados por elas ao manusear o *smartphone*, bem como sobre seus sentimentos ao realizarem este manuseio e os benefícios desta interação. Segundo as autoras, o crescimento do número de pessoas idosas se reflete nos avanços tecnológicos da humanidade, observados em várias áreas de atuação e pesquisa, pois, existem demandas específicas vindas deste público. Compreender a velhice e suas necessidades e limitações é fundamental para o futuro. De acordo com as autoras, não só o corpo envelhece e sofre com a ação do tempo; existem fatores diversos que influenciam este passar dos anos. Assim, além das características físicas e biológicas, existem aspectos psicológicos e sociais que influenciam a forma da pessoa idosa se relacionar com o mundo. “Viver significa adaptação ou possibilidade de constante autorregulação, tanto em termos biológicos quanto em termos psicológicos e sociais.” (Neri; Cachioni, 1999 apud Tilvitz; Areosa, 2022, p. 30).

As autoras refletem sobre a importância de entender o público idoso no contexto atual considerando suas necessidades e limitações diante das mudanças da sociedade e das tecnologias, pois, no seu entender, pessoas idosas que dominam essas tecnologias, mesmo sem a desenvoltura dos adolescentes, tem suas vidas potencializadas e autônomas. Muitas vem tomando gosto pela tecnologia e querem se engajar na utilização dos *smartphones*; no entanto, as dificuldades frequentemente as desencorajam ao manuseio, contribuindo com o medo de manipular dispositivos tecnológicos. O que se percebe atualmente é que o mercado das tecnologias ainda não chegou ao nível de atender às necessidades da pessoa idosa. Tilvitz e Areosa (2022, p. 31) afirmam que “não há facilitação de uso para pessoas que nasceram antes da propagação das tecnologias e que também gostariam de ser inseridas no meio digital.” Conforme as autoras, a não utilização do *smartphone* pelos idosos pode estar ligada principalmente a dificuldades de adaptação e readaptação – o que aponta a necessidade de apropriação da tecnologia pelo público, ou da promoção de uma forma intencional de familiarização das pessoas idosas com a ferramenta, para que possam vir a ter afinidade com o *smartphone*. Outro destaque feito é em relação à orientação para o uso *smartphone*, que tem vindo basicamente da família. Apenas uma pequena parcela, referente à 12,8% das pessoas entrevistadas por Tilvitz e Areosa (2022) alegou não ter obtido orientação, tendo que manipular o aparelho sozinhos. Este dado demonstra a importância da família no processo de aprendizado para a utilização do *smartphone* na realidade pesquisada. É necessário destacar que o estudo provém de um período pré-pandemia, denotando uma realidade anterior ao isolamento social. No período da citada pesquisa, mesmo famílias que não conviviam no mesmo espaço físico puderam ajudar na manipulação do artefato, contato que, durante a pandemia, foi interrompido.

As autoras destacam ainda que muitos entrevistados alegaram dificuldades ao manipular o aparelho, principalmente para utilizar redes sociais e aplicativos ou acessar funções nativas do aparelho. Tais dificuldades geralmente aparecem em função da falta de familiaridade com o dispositivo e isso desperta receio, nervosismo, insegurança, prejudicando a navegação e a percepção do idoso acerca da tecnologia ou do *smartphone*. Destacam também que a falta de capacidade em adaptar-se às novas tecnologias refere-se principalmente aos aspectos sociais e culturais de uma geração de pessoas idosas que, quando jovens, não dispunham de tantos recursos tecnológicos quanto existem hoje, sendo a dificuldade em adaptar-se a este novo cenário um dos grandes problemas relacionados à dificuldade na utilização do *smartphone*. Com relação ao debate sobre o significado socialmente construído em torno do uso de *smartphone* por pessoas idosas, apesar das dificuldades, grande parte das pessoas entrevistadas vê o aparelho como um facilitador para a vida, permitindo comunicação mais rápida, possibilitando fazer compras, encontrar amigos, marcar consultas médicas, etc. As autoras citam Coutinho et al. (2018) para chamar a atenção sobre como o significado de acesso à comunicação e à informação se relacionam com o isolamento ou não da pessoa idosa. A sociabilidade, que antes da pandemia do COVID-19 já era percebida como fator importante para a vida e manutenção da saúde dos idosos, após o período de isolamento social pelo Coronavírus tornou-se ainda mais destacada, pois, segundo os autores, este acesso permite a liberdade virtual das pessoas e contribui para a autonomia, independência e confiança frente às dificuldades e mudanças tecnológicas que possam ocorrer, tornando os idosos cada vez mais adaptado às mudanças, e fazendo-os aprender de forma cada vez mais rápida.

Por sua vez, Bárbara Garcia Ribeiro S. da Silva (2022), traz informações sobre como o telefone e o acesso à internet foram importantes durante o isolamento social, já que as comunicações virtuais foram substi-

tuindo, para boa parte da população, a interação antes realizada face a face. O *smartphone* foi um dos principais artefatos utilizados para que fosse mantida a sociabilidade entre as pessoas, através de comunicações remotas. A autora destacou o surgimento de novas formas de sociabilidade surgidas em função do aparecimento de novas tecnologias, que impactaram até as relações de amizade, por exemplo, criando novos formatos de relações. De acordo com a autora, a popularização do consumo do aparelho tem contribuído para a construção de um cenário cada vez mais sociável na atualidade, viabilizando relações, principalmente profissionais e de amizade. Assinala também que, caso os equipamentos e a tecnologia correlata não existissem do momento atual, boa parte das pessoas, sobretudo as idosas, teriam ficado completamente isoladas do resto do mundo, uma vez que muitas vivem sozinhas ou com poucos familiares. Portanto, o *smartphone*, mostrou-se um artefato que pode intermediar essas relações na impossibilidade da presença física, contribuindo para se manterem os vínculos sociais, mesmo que as interações sejam virtuais.

Entender a pessoa idosa no contexto de surgimento de novas tecnologias, principalmente após a vigência de um cenário de isolamento social, no qual as tecnologias e o uso de artefatos tecnológicos para acessá-las foram tão importantes, ajudará a construir um cenário mais democrático e inclusivo, abarcando este público que cresce exponencialmente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos que abordamos, pudemos chegar a alguns questionamentos. São eles: a comunidade em que a pessoa idosa está inserida, seja família ou outro grupo social próximo, pode influenciar, através de aspectos sociais e culturais, a utilização de artefatos digitais, por estas pessoas? Como esta relação se deu no período de pandemia? Houve auxílio na execução de tarefas nas quais as pessoas idosas tinham dificuldade? E quanto àquelas pessoas que não contaram com uma rede abrangente

de apoio durante a pandemia: conseguiram lidar mais facilmente com a tecnologia, em função da necessidade? E ainda: que significado o artefato digital adquire, quando inserido nas relações sociais da pessoa idosa?

Mesmo nos estudos que não trataram especificamente de tecnologia, as pesquisas trazidas pelos diversos autores e autoras aqui consultadas contribuíram no nosso entendimento sobre como as redes de relações vivenciadas por pessoas idosas podem interferir em suas vidas em diversos aspectos, modificando sua interação dentro do ambiente familiar e com a sociedade mais ampla.

Por sua vez, os estudos e reflexões consultadas que versam especificamente sobre as relações de pessoas idosas com tecnologias, nos possibilitaram melhor entendimento sobre a forma como as construções sociais, concretas e simbólicas, podem facilitar ou dificultar as interações da pessoa idosa com diversos os artefatos tecnológicos.

Assim, concluímos ser fundamental estudar a relação da pessoa idosa com as tecnologias que lhes rodeiam através de estratégias metodológicas que considerem, além de informações que dizem respeito à funcionalidade e à eficiência no uso de artefatos digitais, também as variantes sociais e culturais presentes nesta relação. Os estudos nos fizeram perceber mais claramente que não só as questões físicas e/ou cognitivas interferem na utilização das tecnologias digitais, mas também, a percepção da pessoa idosa a respeito do artefato, o modo como ela enxerga a relevância dele para sua vida e como ela lida com um cenário tecnológico tão dinâmico. Essas são, a nosso ver, questões importantes a serem observadas diante da nova realidade que vem despontado: a de pessoas idosas utilizadoras de *smartphones* que, apesar das dificuldades neste uso, estão cada vez mais inseridas no ambiente tecnológico.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Denise Machado e BANDEIRA NETTO, Felipe. Reflexão antropológica sobre viver e conviver em família no isolamento social *in* GROSSI, Miriam; TONIOL, Rodrigo. **Cientistas sociais e o Coronavírus**. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020, p. 220 – 223.

CLEMENTE, Ana Cristina Fernandes; STOPPA, Edmur Antonio. **Lazer doméstico em tempos de pandemia da Covid-19**. LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v. 23, n. 3, p. 460-484, 2020.

BARROS, Myriam Lins de. **Autoridade & afeto: avós, filhos e netos na família brasileira**. Zahar, 1987.

FACIOLI, Marina Soares Bernardes; DA SILVA NASCIMENTO, Thainá; CASTRO, Carla da Silva Santana. **O uso da tecnologia durante o isolamento social na pandemia de Covid-19**. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, v. 19, n. Supl. 2, 2022.

GROSSI, Miriam; TONIOL, Rodrigo. **Cientistas sociais e o Coronavírus**. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/ciencias-sociais/destaques/2458-livro-cientistas-sociais-e-o-coronavirus-ebook-download-gratuito>. Acesso em: 14 dez. 2022.

GUIOMAR, Vânia Cristina Rosário Vidigueira. **Compreender o envelhecimento bem-sucedido a partir do suporte social, qualidade de vida e bem-estar social dos indivíduos em idade avançada**. O Portal dos Psicólogos, p. 1-16, 2010. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TLO261.pdf>. Acesso em 14 dez. 2022.

IBGE. **Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação**. 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em: dez. 2021.

IBGE. Caminhos para uma melioridade. Retratos – A revista do IBGE, Rio de Janeiro, n. 16, p. 19–25, fevereiro, 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/>

com_mediaibge/arquivos/d4581e6bc87ad8768073f974c0a1102b.pdf. Acesso em: julho. 2023.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua –Características gerais dos domicílios e dos moradores 2022. **População residente, segundo o sexo e os grupos de idade (%)**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/>

liv102004_informativo.pdf. Acesso em: julho. 2023.

IPEA. **Projeções indicam aceleração do envelhecimento dos brasileiros até 2100**. 2021. Disponível em: https://portalantigo.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=38577&catid=10&Itemid=9. Acesso em: dez. 2021.

NUNES, J. H. **Corpo e cidade**. RUA, Campinas, SP, v. 5, n. 1, p. 131–137, 2015. DOI: 10.20396/rua.v5i1.8640671. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640671>. Acesso em: 18 jan. 2023.

SILVA, Bárbara Garcia Ribeiro. **A preponderância da sociabilidade do telefone em rede na quarentena brasileira**. in GROSSI, Miriam; TONIOL, Rodrigo. Cientistas sociais e o Coronavírus. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020, p. 465–467

SILVA, Elaine Feitosa da. **Do hoje ao amanhã: o design gráfico como ferramenta motivacional para idosos**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Superior em Tecnologia de Design Gráfico) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Cabedelo, 2018.

TILVITZ, Aline Inêz; AREOSA, Sílvia Virgínia Coutinho. **INCLUSÃO DIGITAL DE IDOSOS: AS (TICS) E O USO DO SMARTPHONE**. Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento, Porto Alegre, v.27, n. 1, 29-46, 2022. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/>

RevEnvelhecer/issue/view/4443. Acesso em: 18 nov. 2022.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

INFORMAÇÃO DOS AUTORES

ELAINE FEITOSA DA SILVA

lattes.cnpq.br/3492371888417159

Mestranda em Design, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), atuante na linha de pesquisa de Design, Cultura e Artes. Graduada em Design Gráfico e Processamento de Dados e pós-graduada em Desenvolvimento Web. Professora Substituta do Instituto Federal da Paraíba – IFPB – 2020/2022, nos cursos Superior de Tecnologia em Design Gráfico e Técnico Integrado em Multimídia. Participante de grupos de extensão e pesquisa pelo IFPB, nas áreas de design editorial, design social, sinalização e branding. Experiência profissional nas áreas de comunicação, com ênfase em design gráfico e editorial.

elaine.feitosa@ufpe.br

KÁTIA MEDEIROS DE ARAÚJO

lattes.cnpq.br/5152362661566613

Graduada em Desenho Industrial (1987), mestre e doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2006) com estágio doutoral nas universidades de Lancaster-UK e Salamanca-ES. É professora adjunta da UFPE desde 1993. Em sua trajetória acadêmica vem se dedicando à antropologia econômica, sobretudo aos processos e teorias do consumo; aos estudos de família, gênero, e à interpretação das elites brasileiras. No campo do Design, dedica-se aos estudos que envolvem design e sociedade e à história crítica do design. Coordena o grupo de estudos Design, Consumo, Artefatos e Relações de Gênero, registrado junto ao CNPQ desde 2013.

katia.araujo@ufpe.br
